

OLHARES DOCENTES

Combate ao racismo institucional na escola: avanços e retrocessos¹

Eduardo Moreira

Mestre / Professor do Instituto Federal Fluminense



O racismo no Brasil é fruto tanto de um passado colonial e escravagista quanto de um presente reprodutor de violências simbólicas e estruturais que garante a manutenção de uma sociedade desigual onde uma minoria é extremamente privilegiada no acesso aos bens econômicos e culturais produzidos por toda a sociedade.

Este estado de coisas que permite esta estreita e perniciosa relação entre nosso presente democrático e nosso

passado imperialista é garantido a partir do trabalho cotidiano de nossas instituições sociais. Entre as instituições sociais que desempenham papel significativo nesta relação a escola encontra papel de destaque.

A escola, no interior da sociedade brasileira, adquiriu o ideal consensual de instituição capaz de elevação de nossas capacidades humanas (tanto econômicas quanto culturais e até, em última instância, civilizatórias e espirituais). Esta idealização está contida no suposto papel de ascensão social que esta instituição seria capaz de proporcionar aos seus ingressantes. Entretanto ao não ser capaz de realizar o imaginário social idealizado da qual seria responsável, esta instituição funciona, na maioria das vezes, para reafirmar uma suposta estratificação social, construindo uma escala hierárquica e classificatória de sujeitos aptos e não aptos para o acesso aos bens materiais e simbólicos disponíveis em nosso meio social.

¹ Trabalho realizado no âmbito do Curso Educação de Jovens e Adultos e Relações Étnico-Raciais, promovido pela Revista África e Africanidades, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

Como esta escala está assentada em valores historicamente e culturalmente construídos e como a instituição escolar não questiona o fato de ela mesma incorporar esta escala, os jovens ingressantes são olhados como frutos de uma mesma realidade e como membros neutros, desprovidos de diferenças que os caracterizem. Neste sentido as realidades afro-brasileiras e de jovens e adultos são invisibilizadas durante o trabalho de produção de conhecimento, encontrando espaço mínimo nos livros didáticos, nos debates internos às salas de aula e de professores, nos projetos educacionais e pedagógicos e na reflexão sobre o ensino/aprendizagem. Estes sujeitos invisibilizados são vistos apenas como passíveis de serem resgatados de um futuro perigoso ao qual estão determinados por nascimento devido a sua cor, posição socioespacial e origem familiar e econômica. A escola, então, se consubstancia como espaço de garantia do futuro promissor aos grupos sociais que nasceram para tal e, na medida do possível, de resgate de algumas almas que se encontram na fronteira da humanidade, os “anormais”, que nasceram para a perdição, crime e promiscuidade: negros, residentes de periferias, nordestinos, homossexuais, entre outros. Entre estes os que não conseguiram ser resgatados é porque não tinham jeito mesmo.

Esta atitude produz um espaço de socialização onde as diversidades são encaradas como hierarquias caracterizadas por elementos naturalizadores de nossas capacidades físicas, morais e intelectuais.

Esta neutralidade e naturalização, por estarem desprovidas de um olhar crítico, carregam resquícios dos sentimentos racializados produzidos em nosso país durante os trezentos a quatrocentos anos de escravidão. Com isso este papel institucional funciona como mantenedor de desigualdades estruturais presentes em nosso país desde o período colonial.

Em contraponto a esta cristalização institucional, muitos avanços legais e pedagógicos foram realizados, tais como as ações afirmativas. Todavia estes avanços ingressam no ambiente escolar com pouco debate e reflexão interno sobre os mesmos. São muitas vezes encarados no ambiente interno da comunidade escolar como intrusos, acessando espaços subalternos para sua realização, funcionando como que num interstício da escola oficial, verdadeira. Com isto, muitas vezes, ao invés de realizar seus justos objetivos acabam por fortalecer a instituição escolar como espaço de manutenção de uma sociedade racista, machista, homofóbica e desigual.

O espaço escolar compreendido como uma instituição social que realiza um importante e idealizado papel social de humanização dos jovens deve ser compreendida a partir de suas próprias contradições internas. A escola deve começar a ser desconstruída como o espaço da realização humana neutra e naturalizada para ser encarada como fruto de um contexto histórico, social e cultural que, em grande medida, cumpre papel de manutenção estrutural de nossas desigualdades econômicas e simbólicas.

Neste sentido ao invés de pensarmos em como o acesso à escola pode proporcionar ganhos a grupos sociais que estiveram alijados de seus bancos historicamente, deveríamos centrar nossas reflexões em como estes grupos é que podem oxigenar estas instituições proporcionando que elas desenvolvam



um olhar autocrítico alçando-os a uma postura protagonista na produção do conhecimento interno destas instituições e, em consequência, na construção de uma renovada escola, que aponte para realização de uma sociedade plural e diversa.